

“Quem trabalha no ramo, aprende na prática”: considerações sobre formação, experiência e perfil etário de educadores museais

“Those who work in the field, learn by doing”: notes on training, experience and age profile of museum educators

Ana Aparecida Costadella*
Denyse Amorim de Oliveira**
Ozias de Jesus Soares***

Palavras chave:
Educação museal
Formação
Mediadores

Resumo: Ancorado no entendimento da multidimensionalidade da educação museal, o texto apresenta reflexões que correlacionam a faixa etária de educadores e a possível ocorrência de experiências acumuladas em seus percursos profissionais em espaços culturais. Questiona se educadores museais com maior idade apresentariam um portfólio de experiências em mediação em museus e instituições culturais que ensejariam maior desenvoltura nesses espaços. Inserido em uma investigação mais ampla, que toma os sujeitos da educação museal como partícipes da construção de novos conhecimentos, a pesquisa, de abordagem qualitativa e interpretativa, considera a experiência de um museu de ciências e saúde como plataforma para compreender o modo como a díade idade-experiências se manifesta nas instituições. Dialogando com a literatura sobre a atuação de educadores museais, traz um conjunto de dados que alavanca reflexões sobre os desafios e oportunidades no âmbito da força de trabalho no campo da educação museal.

Keywords:
Museum education
Training
Educators

Abstract: Based on the understanding of the multidimensionality of museum education, the text presents reflections that correlate the age profile of educators and the possible occurrence of experiences accumulated in their professional careers in cultural spaces. It questions if older museum educators would present a portfolio of experiences in mediation in museums and other institutions that would give rise to greater resourcefulness in these spaces. Inserted in a broader investigation, which takes the subjects of museum education as participants in the construction of new knowledge, the research, with a qualitative and interpretive approach, considers the experience of a science and health museum as a platform to understand how the age-experiences binomial appears in institutions. In dialogue with the literature on the work of museum educators, it brings a set of data that presents reflections on the challenges and opportunities in the scope of the workforce in the field of museum education.

Recebido em 9 de agosto de 2022. Aprovado em 17 de novembro de 2022.

* Mestre em Teoria da Literatura pela UFRJ; Analista de Gestão em Saúde Pública na Fiocruz; Educadora no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz. E-mail: ana.costadella@fiocruz.br.

** Mestre em Divulgação da Ciência, Saúde e Tecnologia pela Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz. Tecnologista em Saúde Pública na Fiocruz; coordenadora do Núcleo de Desenvolvimento de Público do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz. E-mail: denyse.oliveira@fiocruz.br.

*** Doutor em Ciências Sociais pela UERJ; Pesquisador em Saúde Pública na Fiocruz; integrante da Seção de Formação do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz. E-mail: ozias.soares@fiocruz.br.

Introdução

O exercício de investigação sobre o cotidiano e a estrutura das práticas museais tem rendido uma profícua biblioteca em anos recentes. A expressão dessa produção se impõe relevante tanto para averiguar em que medida estudos anteriores mantêm sua validade, quanto, em outra direção, registrar novos avanços e reflexões sobre tais práticas. Face a isto, o empreendimento deste artigo pretende, na esteira de estudos que tratam da mediação e de mediadores, reiterar debates situados no campo da formação e profissionalização na educação museal.

O texto insere-se no bojo de uma pesquisa radicada em um museu de ciências e saúde no Rio de Janeiro, o Museu da Vida Fiocruz, tomado neste exercício como uma plataforma para se pensar realidades outras que compõem o complexo quadro da educação museal brasileira. O que aqui se apresenta é parte de uma investigação mais ampla que toma um conjunto de sujeitos da educação museal (educadores, docentes e públicos), como partícipes da construção de novos conhecimentos.

A pesquisa, de cunho qualitativo e interpretativo, coloca como horizonte o descortinar de dimensões fundamentais das práticas de educação museal, com destaque para a mediação, apresentando aspectos como perfil, formação, experiência, planejamentos, práticas de avaliação, produção de material educativo e opiniões sobre o exercício cotidiano do fazer museal¹. Trata-se de um estudo posicionado dentro do seguinte tripé: (A) tanto os pesquisadores como os respondentes são educadores (com diferentes vínculos) inseridos em uma instituição museal, (B) situados em um determinado recorte temporal e (C) balizados pelas especificidades tipológicas e organizacionais desse espaço. Embora destacando essas fronteiras, a proposta metodológica, o instrumento de produção de dados utilizado e a consequente análise das respostas reunidas, são potentes o bastante para pensar a “parte” - uma realidade local, inserida num “todo” - o campo da educação museal brasileiro e seus desafios. Neste artigo, uma fração da pesquisa é trazida à baila para propor reflexões sobre a correlação entre a (1) faixa etária dos educadores e a (2) existência de experiência anterior em mediação em espaços culturais. Uma questão que encoraja essa

correlação é tomada como eixo neste artigo: educadores museais com maior idade apresentariam acúmulo de experiências em mediação em museus e instituições culturais?

O leitor notará a ocorrência de intercâmbios de alguns termos ao longo da exposição. Em alguns momentos os sujeitos da pesquisa são tomados como “educadores” e, em outros, “mediadores”. Assumir que educadores são mediadores não reduz, na compreensão da pesquisa, o papel multidimensional que operam no campo institucional. Tão somente, por se tratar de um estudo em que o foco se dá, neste recorte de análise, na mediação com os públicos, o termo mediadores emerge interpolado com educadores. Na mesma linha, em alguns momentos se lerá “educação museal” e, em outros, “mediação”, ou “práticas museais”, tomados como se referindo ao mesmo arco de sentido. De fato, a educação museal é o conjunto plural de práticas que ultrapassa a dimensão do acolhimento dos públicos. Neste estudo enfatiza-se que a mediação é o ponto nucleador desse conjunto, sem desconsiderar a existência de um feixe de ações que envolve a recepção e acolhimento dos públicos, o planejamento, a avaliação, articulação política, sistematização e produção de conhecimento. Decorre deste entendimento que, ao se falar em mediação, no âmbito da educação museal, também se remete a uma dimensão de práticas museais assumidas pelos sujeitos da presente pesquisa.

O texto apresenta algumas seções que delineiam o perímetro de nossa reflexão. A primeira, esta introdução, situa o objetivo, a justificativa da pesquisa e a estrutura do artigo. A seguir, anuncia os contornos metodológicos do estudo. As duas seções seguintes buscam dialogar com a literatura sobre (a) dados oficiais e quantitativos sobre mediadores em museus brasileiros e (b) terminologias utilizadas na atuação de mediadores em museus em nosso contexto e seus debates. Por fim, a última seção trabalha com os dados empíricos produzidos na pesquisa, para propor, em diálogo com outros autores, algumas reflexões com respeito à correlação entre a biografia dos sujeitos e eventuais percursos formativos e profissionais anteriores em mediação em espaços museais.

A proposta metodológica do estudo

O exercício da pesquisa no contexto da educação museal é atravessado por um acervo de desafios que, em regra geral, se inicia com a concepção de que educadores museais lidam estritamente com o cotidiano das visitas. Conforme apontam Soares e Gruzman (2019, p. 120), “circunstâncias financeiras, de gestão e de concepção terminam por corroborar para um entendimento difuso de que um educador museal seja tão somente alguém que atua na mediação de conteúdos de uma exposição na sua relação com o visitante”.

Num outro entendimento, o desafio se acentua ao se assumir que a educação museal é tarefa inerentemente multidimensional: são diversos atores que dela participam; igualmente diversos são seus públicos; variadas são as estratégias, ações e iniciativas educativas que habitam seu escopo; envolve o planejamento, a avaliação, o registro, a sistematização e produção de materiais educativos; estabelece relações com os territórios, seus públicos e suas instituições formativas; elabora projetos de investigação e reflexões sobre suas práticas, entre outros. Com tais elementos conjugados, oportuno foi denominar a pesquisa que enseja este artigo como “perspectivas plurais” na educação museal.

A pesquisa que resulta das reflexões aqui tecidas foi desenvolvida sob uma perspectiva qualitativa e compreensiva, levando em conta a utilização de um instrumento com questões fechadas e abertas que versavam sobre o perfil do participante, sua atuação na educação museal e suas opiniões sobre diversos temas afeitos à mediação. A opção nesta direção se deu diante do fato de que as respostas do grupo de educadores ensejariam a compreensão de ideias, narrativas, opiniões e sugestões que atravessam o exercício da mediação no Museu da Vida. A aplicação do questionário se deu mediada por tecnologia, utilizando a plataforma Microsoft Forms.

Os participantes da pesquisa se constituem em sujeitos em diferentes momentos de formação e atuação. A função de mediação das ações educativas nucleadas pelo Serviço de Educação do Museu da Vida é o elo que une diferentes perfis de mediadores. No caso desta pesquisa, o primeiro elemento que se destaca nessa distinção são os vínculos com que se

apresentam na instituição. Os respondentes são bolsistas, estagiários ou profissionais. Estes últimos podem ser servidores públicos ou profissionais com vínculo de terceirização.

Após a divulgação da pesquisa e o convite à participação, obtivemos um retorno de 44 respondentes, de um universo de 129 pessoas, número que é considerado razoável para uma pesquisa que se utiliza de plataformas online para produção de dados. Esses participantes assinaram o RCLE (Registro de Consentimento Livre e Esclarecido), anuindo sua adesão como respondente da pesquisa². As respostas ao questionário foram recebidas entre os meses de março e maio de 2021.

Destacamos um aspecto que endossa ainda mais a teia complexa da educação museal: como as frentes de atuação dos museus tendem a ser igualmente múltiplas, no caso do Museu da Vida, os participantes do Serviço de Educação podem atuar tanto em exposições temporárias ou de longa duração no espaço do Museu, como ainda atuarem com exposições itinerantes nos territórios em que o Museu se presentifica. Neste caso, dada algumas especificidades das atuações, foi preciso ajustar algumas questões do roteiro para cada caso.

Do total de respondentes, ressaltamos a participação de bolsistas e estagiários egressos dos programas, bem como bolsistas e estagiários que ainda se encontravam em atuação no Museu e, um terceiro grupo, mediadores profissionais (servidores ou terceirizados). Essa pluralidade é considerada oportuna na medida em que permite um feixe diverso de percepções sobre um mesmo fenômeno. O conjunto de participantes teve, neste sentido uma distribuição equilibrada: 16 bolsistas/estagiários em atuação; 13 bolsistas/estagiários egressos e 15 mediadores profissionais. Deve-se frisar, entretanto, que estas frações não se mostram em representatividade proporcional em relação ao todo dos diversos perfis integrantes do Serviço de Educação do Museu da Vida. Neste fracionamento, os mediadores profissionais encontram-se muito bem representados, tendo em vista que de um total de 22, 15 responderam ao questionário; ao passo de que entre bolsistas e estagiários, cerca de 30% do universo atendeu à convocação. Isto posto, as conclusões tecidas pelo estudo devem estar sempre ancoradas nesta ponderação. De todo modo,

estamos diante de um estudo de caráter qualitativo e compreensivo, o que denota a importância dos discursos, das interpretações, dos olhares e sentidos sobre a realidade preponderando sobre eventual dimensão quantitativa.

Em diálogo com a literatura – breves notas sobre o contexto e dados de pesquisas sobre formação e atuação de mediadores no Brasil

O campo da educação museal brasileiro ainda apresenta uma elementar lacuna na produção de dados que mapeiem o perfil da força de trabalho em atuação. A dificuldade decorre de reconhecidos fatores que vão desde a fragilidade na organização e implementação de políticas para o campo, como ainda da precarização das relações de trabalho presentes nas instituições museológicas.

Há algum tempo, o Instituto Brasileiro de Museus promoveu um levantamento sobre os museus brasileiros, sistematizados em dois volumes chamados de “Museus em Números” (IBRAM, 2011). Diversos aspectos dos museus brasileiros são trazidos para esta publicação: características gerais dos museus, acervo, acesso do público, infraestrutura, pesquisa de público, caracterização física dos museus, segurança e controle patrimonial, atividades, modalidades de exposição, ação educativa, visitas guiadas, orçamento e recursos humanos. A proposta era que essa publicação se tornasse periódica, o que não foi adiante. Ainda assim, os dados ali reunidos, embora datados, são capazes de nos oferecer um panorama diante da dinâmica das políticas de museus que se sucederam desde então. No documento, ao tratar sobre os recursos humanos dos museus brasileiros, uma informação salta aos olhos que se torna oportuna trazer aqui: entre os historiadores, 52% são formados por estagiários/bolsistas, voluntários, terceirizados e contrato por tempo determinado; entre pessoas ligadas à Pedagogia, 41% são estagiários/bolsistas, voluntários, terceirizados e contrato por tempo determinado; e entre pessoas ligadas à Museologia, 40% encontram-se na mesma condição (IBRAM, 2011, p. 139). No mesmo quadro, um grupo

especificado pela categoria “outro”, de um total de 4.619 pessoas, 32% eram formados por estagiários/bolsistas.

Esses números reforçam a empiria observada no cotidiano dos museus em relação à presença expressiva de pessoas em formação inicial, o que denota, via de regra, tratar-se de um público mais jovem. Em pesquisa desenvolvida pelo ICOM Brasil no ano de 2020, inserida dentro de um contexto de incertezas advindas pela pandemia da Covid-19, observa-se que 34% dos profissionais de museus possuíam até 5 anos de experiência (ICOM-BR, 2020).

Na mesma direção, pesquisa conduzida pelo CECA-Brasil/ICOM em colaboração com a Rede de Educadores em Museus do Brasil (REM-BR), apontou que 60% das pessoas em educativos de museus tinham entre 25 a 44 anos de idade (ALMEIDA e colaboradoras, 2021). Diante de uma crise sanitária inédita para esta geração, Martins, Castro e Almeida (2021) concluem que a questão da precarização das relações de trabalho mostrou sua face mais perversa no que respeita ao grupo formado por educadores museais:

Com exceção dos servidores públicos, que tiveram seu trabalho mantido, educadores de instituições privadas, celetistas, com contratos temporários, estagiários e terceirizados foram demitidos, tiveram seus contratos de trabalho suspensos ou suas cargas horárias de trabalho reduzidas. Muitas instituições, num primeiro momento, deram férias a inúmeros profissionais. Houve uma desestruturação dos quadros profissionais e sua reorganização levou semanas ou meses, ou não aconteceu, dependendo da instituição. (MARTINS; CASTRO; ALMEIDA, 2021, p. 47).

Ao se buscar refletir sobre a mediação humana em espaços museais, nos deparamos com a diversidade tanto na designação quanto na formação, entendendo que cada espaço busca, a partir da denominação dada, identificar interna e externamente, o papel de quem faz a interface entre a instituição e o público. Sendo assim, a formação deste sujeito, acompanha as demandas específicas e temporalidades de cada espaço museal, configurando uma práxis educativa também diferenciada.

Em tempos últimos, os temas de pesquisas que orbitam a atuação e formação de educadores museais vem tendo um significativo relevo. Entretanto, deve-se reconhecer que, embora a biblioteca sobre a temática tem sido acrescida, as iniciativas de formação que deem conta da complexidade da educação museal, ainda necessitam de maiores cuidados. Segundo Andréa Costa (2019), ao retratar as discussões sobre a formação e atuação dos educadores museais, houve avanços importantes, mas o caminho da profissionalização ainda está distante.

Marandino (2008) aponta que, normalmente, a seleção para a mediação tem como parâmetro as áreas de conhecimento que se aproximem ao máximo do campo de atuação de cada museu. Todavia, uma composição de equipe com baixa diversidade de áreas do saber pode, em alguma medida, comprometer um trabalho interdisciplinar mais consistente. Outra camada de desafio refere-se às modalidades de contrato dos mediadores em educação museal no país. Via de regra, as contratações mais presentes relacionam-se a bolsas, estágios, terceirização, vínculo por tempo determinado ou projeto e até mesmo a participação de voluntariado.

As tarefas desenvolvidas pelas equipes podem envolver a organização da visitação, a mediação em exposições de longa e curta duração, oficinas e desenvolvimento de outras ações educativas. Tal conjunto de ações é entendido como uma forma de garantir que os conceitos apresentados na formação dos quadros para a mediação sejam compreendidos e aplicados na prática.

É importante destacar que a entrada de mediadores jovens normalmente significa que a sua primeira experiência - e consequente formação em mediação e conhecimentos inerentes a educação museal - será proporcionada pela própria instituição.

Um estudo realizado por Carlétti e Massarani (2015) deixou evidenciado que a maioria dos mediadores atuantes em museus e centros de ciências tiveram uma capacitação inicial baseada em observação e orientação de mediadores mais experientes; e uma formação mais estruturada foi realizada ao longo do período de atuação na instituição.

Em pesquisa realizada por Alencar (2008) encontramos uma categorização etária e profissional entre mediadores em atuação em museus e exposições de artes. Neste estudo, realizado em São Paulo, de um total de 76 respondentes, a média de idade encontrada foi de 28,15 anos. Alencar menciona que a faixa etária de 18 a 22 anos representa a formação inicial; de 23 a 37 anos os mediadores estariam estruturando sua experiência e estabilidade profissional. A partir dos 40 anos, a profissão estaria consolidada (ALENCAR, 2008). Esta classificação corrobora estudos na mesma direção, nos quais, de um modo geral, os educadores em museus e exposições são predominantemente jovens (MARTINS e colaboradoras, 2013).

Terminologias adotadas na atuação de mediadores em museus no Brasil e seus debates

Seria um “guia” diferente de um “mediador”, ou de um “educador”? Existiria uma definição mais apropriada de acordo com a especificidade de cada museu, das diretrizes de sua política educacional, influenciando diretamente nos critérios de seleção e formação? Tais questões, longe de ser somente um debate de terminológico, despontam como um povoado de desafios que habitam o campo museal.

Há um vasto universo vocabular na denominação do profissional responsável pela realização da mediação museal, fato que ocorre tanto nos museus brasileiros quanto nos internacionais. Entende-se que a adoção de uma designação para profissionais que atuam na educação museal represente, em cada instituição, a compreensão e os fundamentos balizadores de suas ações. Entre os nomes dados a este segmento profissional encontramos: guia, mediador, monitor, arte-educador, educador, facilitador, animador. Em anos recentes, no campo museal, o termo mediador e mediação tem sido amplamente utilizado dado sua força semântica e político-pedagógica. Isso significa dizer que denominações que pressupunham uma relação de mão única, ou com uma forte tradição numa pedagogia em que um sujeito detém

conhecimento e outro precisa atentamente ouvir o que aquele tem a dizer, se tornaram questionáveis.

Um significativo número de autores vem dissertando e refletindo sobre temas relacionados aos mediadores e à mediação. As concepções e acepções habitam todo um território semântico, interpretativo e prático. Nesta direção, compreendemos o fato da plurivocidade das terminologias adotadas em cada instituição.

Em linhas gerais, a mediação, enquanto um conceito, é percebida no âmbito da dialética materialista histórica, enquanto uma categoria de análise, como sendo o “estabelecimento de conexões por meio de algum intermediário” (BOTTOMORE, 2001, p. 263). Com tal referência em tela, temos que a mediação se coloca enquanto uma intermediação entre polos, entre sujeito e objeto, entre sujeito e sujeito, com o fito de produzir conexões. Entretanto, um conjunto de bifurcações de análise podem de aí derivar: a adoção de uma terminologia mais atualizada conduziria, invariavelmente, a transformações no âmbito do cotidiano das práticas museais? O mediador e a mediação se colocariam mais como um constructo discursivo e menos como uma adoção de práticas dialógicas e emancipatórias?

Importante destacar que independente da nomenclatura, a mediação, tal qual a aqui defendida, constitui-se numa relação de troca, que sempre deve ter em consideração as necessidades e os anseios do visitante. Afinal, sem público, não há museu.

Museus e centros de ciências possuem suas próprias peculiaridades. Diante disso, é natural que as estratégias adotadas para a interação com o público sejam diversificadas - circunstância que se reflete diretamente no tipo de linguagem dialógica a ser estabelecida com os visitantes. E, como o diálogo a ser utilizado no contato com o público depende da história, objetivos e contexto de cada museu, as atribuições do profissional que realiza a mediação não são as mesmas em todas as instituições, o que contribui para a ocorrência das diversas terminologias adotadas na sua denominação. No entanto, também colabora para essa multiplicidade vocabular o fato da educação museal não ser uma profissão regulamentada. O trabalho do mediador, embora defendido como essencial, ainda não é

considerado uma profissão, sendo muitas vezes visto como uma atividade passageira.

Em 2008 foi realizado o “Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros de Ciência”, no qual representantes de museus e centros de ciências brasileiros e de diversos países relataram experiências relacionadas à mediação e ao papel do mediador. As palestras apresentadas foram compiladas em uma publicação (MASSARANI, 2008) e revelam o exposto no parágrafo anterior: o tipo de mediação e a terminologia adotada para designar o profissional que interage com o público variam de acordo com as características, a tipologia do museu e o tipo de mediação a ser ofertada. No Estação Ciência, são chamados de monitores, no Museu da Vida e no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), mediadores, na Associação Ciência Viva (Uruguai), orientadores, no Museu de Ciências da Universidade Autónoma de México (Universum), anfitriões, no Museu de Ciências de Londres, explicadores (explainers) e assim por diante. Exemplos que demonstram que a habilidade de se transformar está no próprio “DNA da mediação”, sendo essa uma atividade de natureza múltipla. Por outro lado, as experiências relatadas naquele workshop também demonstram que os vínculos precários dos profissionais que realizam a mediação não são uma exclusividade do Brasil.

Entre nós, como em outros países, as relações de trabalho estabelecidas com os profissionais que exercem a mediação são muitas vezes transitórias e informais. Nos museus brasileiros, são estabelecidos diversos tipos de vínculos: efetivos (servidores públicos, contratação por CLT) e precários (bolsa-estágio ou de iniciação científica, Microempreendedor Individual - MEI, contratos temporários). O próprio fato da mediação ser uma atividade mutável e múltipla, o que é algo positivo, acaba, por outro lado, contribuindo para o estabelecimento desses vínculos precários. Sua mutabilidade acaba dificultando, em alguma medida, a definição de diretrizes essenciais à formalização da profissão. Apesar dos avanços, ainda não há um consenso entre as instituições sobre as habilidades, conhecimentos e formação necessários para a atuação do profissional como mediador, o que dificulta a regulamentação da mediação museal

como uma profissão. Conforme constatado por Jessica Norberto Rocha e Martha Marandino (2020), ao apresentarem debates em torno de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros, aqui como na Europa, falta uma “linguagem comum” entre as instituições sobre conhecimentos, habilidades e formação necessários para os mediadores de museus de ciências (sendo um entrave para sua profissionalização).

No entanto, se por um lado os vínculos precários prejudicam a continuidade, como ainda afetam o desenvolvimento de uma expertise consolidada no desenvolvimento de um trabalho e demandam necessidades constantes de treinamento, a alternância dos profissionais que atuam na mediação, em outra perspectiva, traria renovação para os museus e centros de ciência. Como relatado por Hakas (2008, p. 80), “a alta rotatividade de orientadores também tem as suas vantagens, pois nos beneficiamos do frescor, do entusiasmo e da visão renovada dos novatos”. Percepção também expressa por Tamez e Martin (2008, p. 122): “instituições envelhecem, mas o Exploratorium encontrou um elixir antienvelhecimento. O milagre do rejuvenescimento acontece todo ano com o início de um novo programa de mediadores”.

Em meio a embates dessa natureza, instituições apostam numa solução buscando equilibrar o quantitativo entre os mediadores experientes e aqueles com vínculos transitórios. Atualmente, o que ocorre, pelo menos nos museus brasileiros, é a presença de um número mínimo de mediadores efetivos para uma maioria de mediadores com vínculos precários e transitórios, vindo daí a incontestável predominância de jovens sem experiência entre esses profissionais. Carlétti e Massarani (2015), em enquête realizada com 370 respondentes integrantes de diversos museus no Brasil, apontaram que 60% deles afirmaram possuir vínculo de trabalho frágil em suas instituições. Dessa forma, o reconhecimento da mediação museal como uma profissão sinalizaria para uma possível solução para esse desequilíbrio. Debates recentes defendem que a formalização da profissão de mediador, com o estabelecimento de um piso salarial e de um plano de carreira para a categoria, aumentaria a viabilidade de contratação desses profissionais, tornando-a até mais atrativa para os jovens educadores. Assim, aqueles

que se destacassem nos diversos programas de estágio e iniciação científica ofertados pelos museus, poderiam ser posteriormente contratados e efetivados.

“Quem trabalha no ramo, aprende na prática”: uma plataforma de discussões sobre dados da pesquisa

Tendo em conta o recorte qualitativo da pesquisa, ancorada numa análise de respostas e enunciados tomados entre os 44 participantes acima referidos, algumas confluências podem ser notadas em relação a estudos de objetivos semelhantes. Dentro dos limites da investigação, os resultados apontam, tal qual os estudos de Souza (2012), Norberto Rocha e Marandino (2020), Almeida e outras (2021), uma presença fortemente juvenil se encontra na educação museal.

No caso do Museu da Vida, as faixas etárias compreendidas entre 18 e 39 anos concentram 3/4 dos respondentes da pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 – Idade dos mediadores participantes – Museu da Vida

Faixa etária	Respondentes
18 a 24 anos	17
25 a 39 anos	16
40 a 59 anos	8
+ 60 anos	3
Total (N)	44

Fonte: elaborado pelos autores.

Deve-se colocar em relevo que o dado segue a distribuição proporcional entre os segmentos participantes da pesquisa. Ou seja, contamos com uma participação mais efetiva de bolsistas/estagiários neste estudo (29 sujeitos), uma vez que este grupo se constitui em maior número no Museu da Vida em relação aos mediadores profissionais (servidores e terceirizados). Embora esta ressalva da proporcionalidade seja fundamental, conclusão semelhante observa-se no estudo de Souza (2012)

quando aplicou um questionário em 15 museus e instituições culturais na cidade de Porto Alegre/RS. Tendo obtido um total de 35 respondentes na pesquisa, dentro deste recorte, a amostra aponta para um público jovem em atuação nos museus (quadro 2).

Quadro 2 – Idade mediadores em instituições culturais em Porto Alegre

Faixa etária	Respondentes
Até 25	18
26 a 30	12
31 a 36	2
37 a 41	2
+ 41	1
Total (N)	44

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Souza (2012).

Quadro 3 – Perfil etário mediadores em instituições científico-culturais brasileiras

Faixa etária (em anos)	%
18 a 20 anos	20,7%
21 a 25 anos	42,8%
26 a 30 anos	15,8%
31 a 35 anos	5,7%
36 a 40 anos	4,1%
41 a 45 anos	2,2%
46 a 50 anos	4,1%
51 a 60 anos	3,3%
+ 60	1,4%
Total (N)	370

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Carlétti e Massarani (2015).

Em direção similar, Carlétti e Massarani (2015) aplicaram uma enquete online dentro de um universo de 200 espaços científico-culturais brasileiros, obtendo um retorno de 370 respondentes, distribuídos em 73 instituições. O percentual de jovens entre 18 e 30 anos se aproxima de 80%, conforme apresentado no quadro 3 (cf. o destaque no quadro).

Os três quadros apresentados figuram como resultados escalares nos quais, tanto em um museu (Quadro 1 – Museu da Vida), em uma cidade (Quadro 2 – Porto Alegre) ou em território nacional (Quadro 3 – instituições científico-culturais brasileiras), torna-se evidente a participação expressiva juvenil nas ações de educação museal, sendo a maioria formada por graduandos universitários com atuação temporária, implicando em uma considerável rotatividade.

Embora tal presença seja considerada estratégica no diálogo com os públicos, alguns desafios se mostram evidentes. A rotatividade, em certo entendimento, pode ser vista como positiva, no sentido de oferecer mais oportunidades de atuação em museus para esse segmento; soma-se o fato de, por meio deles, ampliar as ações de popularização e divulgação da ciência. Por outra via, entretanto, um dos desafios postos encontra-se na limitação à profissionalização e à formação. O tempo de permanência de mediadores em atuação nas instituições coloca a premência das ações de acolhimento com os públicos à frente da necessária formação e fundamentação para a educação museal. Este debate foi bem sinalizado por Costa (2019) ao reunir conclusões de que a formação é, no mais das vezes, realizada a partir de trocas com mediadores há mais tempo em atuação. Em suas palavras, “devido à elevada rotatividade dos mediadores, não é incomum que alguns deles estejam em atividade sem que tenha passado por cursos de formação, contando somente com a observação dos mais experientes como fonte de capacitação” (COSTA, 2019, p. 79).

Por seu turno, embora as licenciaturas sejam as mais representadas entre os bolsistas, estagiários e outras formas de contratação precárias, as matrizes curriculares desses cursos pouco ou nada oferecem em termos de conhecimento e debates sobre as

instituições museais e suas práticas (SOUZA, 2016; COSTA, 2019).

Chama a atenção, em meio a isso, todavia, que se a presença juvenil e com forte rotatividade é a regra, entende-se que os mediadores “mais antigos” e com “mais experiência”, reúnem, na verdade, uma trajetória de atuação modesta do ponto de vista de permanência na instituição. Em outras palavras, os mediadores “mais antigos”, seriam, na verdade, jovens mediadores.

O dado relacionado à experiência anterior em mediação em instituições culturais pelos respondentes do estudo no Museu da Vida aponta que este espaço responde pelos passos iniciais da maioria dos educadores. Do conjunto de 44 participantes, 13 disseram possuir experiência anterior em mediação em espaços culturais, conforme apresenta o Quadro 4. Desse reduzido número, apenas 3 participantes localizam-se acima de 40 anos de idade.

Quadro 4 – Participantes com/sem experiência anterior em mediação em instituições culturais – Museu da Vida

Faixa etária (em anos)	Respondentes com experiência anterior	Respondentes sem experiência anterior
18 a 24 anos	6	11
25 a 39 anos	4	12
40 a 59 anos	2	6
+ 60 anos	1	2
Total (N)	13	31

Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

O quadro é revelador, dentro do recorte do estudo, numa dupla direção: primeiro, conforme indicamos, por apontar o Museu como a primeira experiência em educação museal da maioria dos respondentes (cerca de 2/3 do total de participantes); e, segundo, mostrar que a idade não foi fator preponderante ao acúmulo de atuação em instituições culturais. Neste sentido, é sugestiva e oportuna a frase de um dos sujeitos respondentes da pesquisa, e que intitula este artigo: “quem trabalha no ramo, aprende na prática”.

Quanto aos locais promotores das experiências anteriores, nas respostas dos 13 educadores, são especificados diversos espaços, bem como iniciativas de que participaram, sem indicarem as instituições, conforme se vê no Quadro 5. Registre-se ao leitor que um mesmo participante tenha indicado mais de um espaço de atuação anterior.

Quadro 5 – Instituições e atividades de mediação indicadas pelos participantes do Museu da Vida

Ordem	Espaços/Iniciativas
1	Espaço Ciência Interativa – Mesquita/RJ
2	Palácio Tiradentes
3	Museu de Arte Moderna – MAM
4	Museu Nacional
5	Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB
6	Exposição Vida (“precursora do Museu da Vida”, sic.)
7	Mediação de atividades em escolas do ensino fundamental em projetos de extensão da UFRJ
8	Mediações em museus do Rio de Janeiro como guia de turismo
9	Mediação em espaços culturais de Niterói/RJ
10	Mediação para as populações ribeirinhas do município de Santarém, no Pará
11	Experiência em atuação e direção teatral, participação em festivais de cultura em várias regiões do Brasil
12	Eventos de extensão universitários
13	Mediação em escolas públicas direcionadas para jovens com algum tipo de deficiência intelectual

Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

A diversidade expressa pelo quadro de espaços de atuação é representativa, de um lado, da

composição multidisciplinar dos participantes da pesquisa e, de outro, do próprio entendimento do que seja a mediação, tendo em vista que neste item do questionário se requeria que se apontassem “Experiências anteriores em mediação em espaços culturais/museais”. Neste sentido, parece ter havido um alargamento da noção mais estreita de “espaços culturais”, para compreendê-lo não apenas como um lócus institucional composto por museus, centros culturais, centros de ciências e assemelhados, todavia, alçando as demais experiências com públicos e espaços diversos como integrantes da noção de “mediação em espaços culturais/museais”. Ao contrário de engessar as respostas num entendimento unívoco do que seja essa mediação, entendemos que os sentidos trazidos pelos sujeitos da pesquisa apontam, numa certa direção, que tais percursos biográficos foram fundamentais para a presente atuação no Museu. Entretanto, deve-se notar que as experiências relatadas raramente se deram em instituições museológicas voltadas para as ciências naturais e saúde, foco temático do Museu da Vida.

No estudo desenvolvido por Souza (2012) com instituições culturais em Porto Alegre, emerge uma proporção bem semelhante aos dados do Museu da Vida. Ou seja, naquela cidade, cerca de 3/4 dos participantes do estudo (26, dentre 35), relataram ter tido nas suas instituições a primeira experiência com mediação (Quadro 6). Nesta pesquisa, a pergunta dirigida aos participantes foi a seguinte: “Já havia atuado como mediador em outra instituição museológica/cultural antes da atual?”. Mais da metade dos educadores possuíam até 1 ano de atuação nas suas instituições, o que se mostra como uma atuação fragrantemente incipiente (SOUZA, 2012, p. 51).

Quadro 6 – Experiência dos Mediadores em Museus e Instituições Culturais em Porto Alegre (2012)

Experiência	Respondentes
Com Experiência	9
Com Experiência	26
Total (N)	35

Fonte: elaborado pelos autores, a partir de Souza (2012).

O estudo desenvolvido por Isabel Gomes e Sibeles Cazelli (2016) em duas instituições científico-culturais no Rio de Janeiro (Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST; e Espaço Ciência Viva - ECV), igualmente apontou que esses locais se constituíram na primeira experiência para a maioria (Quadro 7).

Quadro 7 - Experiência dos Mediadores no MAST e no ECV

Instituição	Mediadores	Mediadores com Experiência anterior
MAST	17	3
FCV	32	0
Total (N)	52	

Fonte: elaborado pelos autores, a partir de Gomes e Cazelli (2016).

Em relação ao ECV, conforme a pesquisa, deve-se ressaltar que a maioria era composta, à ocasião, por jovens entre 17 e 26 anos. Conforme as autoras, de um total de 32 mediadores neste espaço, 15 eram estudantes de ensino médio e 13 eram graduandos. Diante disso, não causa estranheza o fato de que, no percurso biográfico desses mediadores, aquela tenha sido sua primeira experiência.

O resultado do MAST, no qual apenas 3 indicaram possuir experiência anterior, contribui para o destaque de que a força de trabalho em educação museal se mostra eminentemente como um percurso inicial dos sujeitos que operam nesses espaços.

Considerações finais

Mirando na questão provocativa que buscava correlacionar idade e experiência anterior, os estudos apresentados corroboram a constatação de que a educação museal, primeiramente, é a experiência inicial de trabalho para a maioria dos educadores; em segundo lugar, nas experiências relatadas, a presença juvenil é uma identidade da mediação; e, por fim, no caso do Museu da Vida, o fato de um grupo de educadores possuir mais idade não representou um

acervo maior de experiência anterior em espaços culturais. Neste cenário, parte considerável deste grupo, quando ainda jovem, teve no Museu sua primeira experiência. O acúmulo de experiências diversas, todavia, não deve ser tomado como parâmetro único que avalize boas práticas ou garanta desenvoltura bastante para fazer face aos desafios colocados pelo cotidiano da educação museal. Experiências singulares e duradouras, por seu turno, podem ensejar olhares aprofundados sobre o objeto de trabalho. A extensão de tempo ou a variedade de experiências se dadas em contexto de reflexão, sistematização de conhecimentos, articulações coletivas e diálogos com os públicos, se firmam como elementos potentes para uma educação museal de qualidade.

As linhas escritas neste texto figuram para nós como elementos de uma pintura na qual expusemos os contornos da tela, os materiais utilizados, o esboço daquilo que pretendíamos apresentar e o resultado (semi)final de uma obra que continuará a ser executada. Talvez, do mesmo modo como as parcerias teóricas trazidas no diálogo aqui estabelecido, o texto sirva de plataforma para novas pinturas.

Alguns aspectos relacionados à realidade institucional local, conforme destacado, emergem como um espelhamento de outras realidades museais. Desse modo, divisamos que a análise dos dados tornou possível perceber uma cadeia de desafios relacionados ao vasto universo da educação museal. Merecedor de registro é o desafio da inexistência de dados mais gerais que mapeiem, ou talvez “fotografem”, o perfil de profissionais que atuam na educação museal brasileira. Isso significa dizer que, na ausência desses dados, poucos avanços em termos de políticas públicas de formação e profissionalização se concretizam. Felizmente, a existência de pesquisas diversas, ainda que em escala menor, terminam por convergir para dar corpo a uma percepção empírica sobre o potencial e a fragilidade presentes entre a força de trabalho da educação museal.

Um aspecto dessa pintura é a constatação relativa à faixa etária dos educadores com expressiva presença juvenil. Um segundo achado diz respeito às relações de trabalho estabelecidas com os profissionais que exercem a mediação, as quais

muitas vezes são informais e pontuais, estabelecidas por meio de vínculos precários. Conforme demonstrado, esses dois aspectos são comuns na maioria dos museus, sejam eles nacionais ou internacionais. Esta composição da força de trabalho pode ser vista sob uma lente positiva e outra pouco promissora. Quanto à primeira, a presença juvenil tem o potencial de trazer renovação para os museus e outras instituições científico-culturais. Alguns entendimentos concordam que o contato com a juventude seja primordial para uma constante renovação dos museus. Entretanto, num movimento contraditório, vínculos precários podem trazer prejuízos à continuidade e aprofundamento de um trabalho que demande formação a médio e longo prazos. Dito de outra forma, forçoso é admitir que entaves à profissionalização e regulamentação da profissão de educadores museais advenham do fato de uma presença significativa de vínculos precários, voluntariado, estágios e bolsas e contrato por tempo determinado.

Visto sob outra perspectiva, os museus acabam se estabelecendo como uma instância formativa para novos quadros para a educação museal. Já é reconhecido que escolas e universidades são espaços-tempos que integram o campo institucional da formação humana. Todavia, outras instituições, atuando ou não em colaboração com aquelas, vem se legitimando como locais de formação para um entendimento da educação numa direção integral. Neste sentido, inegável é que as instituições museais respondem elas mesmas por parcela significativa da constituição de quadros qualificados para atuação em educação museal. A literatura vem apontando que, em geral, as matrizes curriculares na graduação não contemplam as especificidades do trabalho em educação museal. Salvo pontuais experiências, a universidade ainda carece de se firmar enquanto instância colaborativa para a formação que dê conta das particularidades de outros espaços de formação humana, para além da escola.

Situando este debate numa curvatura maior, o campo museal dispõe de um balizador importante no que respeita à estruturação de políticas públicas que é a Política Nacional de Educação Museal, na qual se advoga a necessidade de maior articulação entre as agências de formação humana.

Neste sentido, se num horizonte próximo os setores educativos dos museus continuarem lançando mão dessa força de trabalho jovem e em processo de formação inicial, o que é positivo, convém que as iniciativas se deem de modo qualificado, tornando as exigências formativas precedentes sobre as laborais. Num segundo objetivo, que esses percursos juvenis no interior dos museus sirvam como alavancas para inserção desse segmento em pesquisas e programas de pós-graduação que tomem a educação museal e suas nuances enquanto objetos de estudo. Num terceiro objetivo, entre outros possíveis, que aqueles que percorrerem, ainda que por um breve período, essa experiência formativa, assumam a importância dos espaços museais como instância fundamental de formação humana, incluindo a sua dimensão política, ética e estética. Em via oposta, museus continuarão a reproduzir uma lógica perversa que pavimenta a atual sociabilidade, na qual se valoriza as ações e desvaloriza os agentes dessas ações. Ainda pior: ocultará, sob um discurso de “renovação”, uma relação predatória, através da qual se valem de uma vital e vibrante fora de trabalho com o fito de ostentarem numerários de públicos que alimentarão garbosos relatórios institucionais.

Ainda resta, por fim, avançar em estudos que foquem na trajetória dos egressos dos programas de formação, em especial aqueles relacionados a estágios e bolsas, para avaliar em que medida a experiência de mediação, em todas as suas dimensões, foi capaz de orientar rumos acadêmicos e profissionais desses sujeitos. Neste sentido, outras pinturas são necessárias que alcem nosso olhar para novas utopias, novos horizontes e perspectivas para a educação museal brasileira. O ateliê está à disposição.

Notas

1 Além dos autores deste artigo, integram a equipe da pesquisa, os seguintes profissionais do Serviço de Educação do Museu da Vida/Fiocruz: Alex dos Anjos Arruda Junior, Aline Lopes Soares Pessoa de Barros, Bianca Santos Silva Reis, Claudia Araújo de Oliveira, Edmilson Barcellos da Rocha, Gabriela Nascimento Santos Silva, Hilda da Silva Gomes, Miguel Ernesto Gabriel C. Oliveira, Suzi Aguiar e Teresa Osório. A pesquisa tem a coordenação de Ozias de Jesus Soares.

2 A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 09 de outubro de 2020, sob o número de parecer 4.331.256 (CEP/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz) e tem o apoio financeiro da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Referências

- ALENCAR, V. P. **O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de exposições e museus de arte**. 2008. 97f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2008.
- ALMEIDA, A. M.; ABADIA, L.; JUNQUEIRA, F. M.; POHIA, S. G.; ROCHA, J. N.; FONSECA, G.; CASTRO, F. S. R.; MARTINS, L. C. Como podemos conhecer a prática da educação museal no Brasil em tempos de pandemia de Covid-19? Relato de uma pesquisa colaborativa. **Museologia e Patrimônio**, v. 14, n. 2, p. 226-243, 2021.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CARLÉTTI, C.; MASSARANI, L. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre quem são estes atores-chave na mediação entre a ciência e o público no Brasil. **Journal of Science Communication**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2015.
- COSTA, A. F. A formação inicial e continuada de educadores museais: projeto em construção. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, p. 67-89, 2019.
- GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 23-46, jan-abr, 2016.

HAKAS, M. O papel do orientador na Ciência Viva. *In: MASSARANI, Luisa (Ed.) Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência*. Editado por Luisa Massarani e Carla Almeida. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2008. p. 79-82.

ICOM BRASIL. **Dados para navegar em meio às incertezas resultados da pesquisa com profissionais e públicos de museus**. Sumário Executivo. 2020. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120_Tomara_ICOM_SumarioExecutivo_FINAL.pdf. Acesso em: 2 mai. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museus em números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.

MARTINS, L. C.; CASTRO, F. S. R.; ALMEIDA, A. M. Como fazer depois de 2020? **Cadernos do CEOM**, v. 34, n. 54, p. 43-54, 2021.

MARTINS, L.C. (Org.). **Que público é esse?** Formação de públicos de museus e centros culturais. 1. ed. São Paulo: Percebe, 2013.

MASSARANI, L. (Ed.). **Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008.

NOBERTO ROCHA, J.; MARANDINO, M. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências

itinerantes brasileiros. **Journal of Science Communication** – América Latina, p. 1-21, 2020.

SOARES, O. J.; GRUZMAN, C. O lugar da pesquisa na Educação Museal: desafios, panoramas e perspectivas. **Revista Docência e Ciberultura**, v. 3, n. 2, p. 115-139, 2019.

SOUZA, M. P. **Do templo ao Fórum: o perfil do mediador em museus e instituições culturais de Porto Alegre**. 2012. 91f. Monografia (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre, 2012.

SOUZA, R. N. **O pedagogo e os espaços não escolares: a atuação nos museus**. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, PUC RJ, Rio de Janeiro, 2016.

TAMEZ, M.; MARTIN, S. Mediadores – nova energia para o museu. *In: MASSARANI, Luisa (Ed.) Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência*. Editado por Luisa Massarani e Carla Almeida. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2008. p. 121-124.